OPEN ACCESS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
FAMECOS

REVISTA FAMECOS
mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 33, p. 1-7, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

ENTREVISTA

Entrevista com Michel Maffesoli, 25 anos depois: o que é imaginário?

Interview with Michel Maffesoli, 25 years later: what is imaginary?
Entrevista a Michel Maffesoli, 25 años después: ¿qué es lo imaginario?

Juremir Machado da Silva[1]
orcid.org/0000-0001-8105-5596
juremir@pucrs.br

Recebido em: 21 jan. 2026.
Aprovado em: 2 fev. 2026.
Publicado em: 07 abr. 2026.

Resumo: O sociólogo francês Michel Maffesoli aceita o convite da *Revista Famecos* e, 25 anos depois, de uma entrevista que se tornou um texto de referência, até hoje muito citado, entre centenas de estudiosos brasileiros sobre o tema, volta à célebre questão: o que é, afinal, imaginário? Nesta nova entrevista, ele também retoma a discussão de ideias de seu mestre, Gilbert Durand, e se posiciona em relação a outros intelectuais importantes que falaram de imaginário. Com a sua habitual clareza, o professor emérito da Sorbonne torna o complexo simples.

Palavras-chave: Imaginário. Sociologia compreensiva. Pensamento contemporâneo francês.

Abstract: French sociologist Michel Maffesoli accepts the invitation from *Revista Famecos* and, 25 years after an interview that became a reference text, still widely cited by hundreds of Brazilian scholars on the subject, returns to the fomous question: what exactly is the imaginary? In this new interview, he also revisits the discussion of ideas by his mentor, Gilbert Durand, and positions himself in relation to other important intellectuals who have addressed the imaginary. With his usual clarity, the emeritus professor of the Sorbonne simplifies the complex.

Keywords: Imaginary. Interpretive sociology. Contemporary French thought.

Resumen: El sociólogo francés Michel Maffesoli acepta la invitación de la *Revista Famecos* y, 25 años después de una entrevista que se convirtió en texto de referencia, aún ampliamente citado entre cientos de académicos brasileños sobre el tema, retoma la famosa pregunta: ¿qué es, después de todo, lo imaginario? En esta nueva entrevista, también retoma el análisis de las ideas de su mentor, Gilbert Durand, y se posiciona en relación con otros importantes intelectuales que han hablado sobre lo imaginario. Con su habitual claridad, el profesor emérito de la Sorbonne simplifica lo complejo.

Palabras clave: Imaginario. Sociología interpretativa. Pensamiento francés contemporáneo.

Nascido em 1944, em Graissessac, no sul da França, filho de um trabalhador em minas de carvão e de uma dona de casa, Michel Maffesoli, professor emérito da Sorbonne, discípulo de Gilbert Durand, tornou-se o grande teórico da pós-modernidade como ruptura com o racionalismo e o individualismo modernos. Defensor de uma "sociologia compreensiva" e da descrição do pluralismo social, assim como do "politeísmo de valores", explora ao máximo a ideia de *religação* como fundamento e cimento das relações no cotidiano das pessoas.

Ele é também o principal pensador em atividade da noção de *imaginário*. Vinte e cinco anos depois de uma entrevista concedida para

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

[1] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

esta mesma *Revista Famecos*, na qual definiu o imaginário como "uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável", situando-o na "ordem da aura: uma atmosfera" (Maffesoli, 2001, p. 75). Ou ainda, que "o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo"; daí a afirmativa: "só existe imaginário coletivo" (Maffesoli, 2001, p. 76).

Nesta entrevista, Maffesoli retoma sua reflexão sobre o imaginário e repensa algumas ideias herdadas de seu mestre, Gilbert Durand, ao mesmo tempo que se posiciona em relação a outros intelectuais importantes que falaram de imaginário. Com a sua habitual clareza, torna o complexo simples.

Juremir Machado da Silva – O que é imaginário?

Michel Maffesoli – Sou discípulo de Gilbert Durand, meu mestre, que publicou, em 1960, um livro intitulado *As estruturas antropológicas do imaginário*. Eu me inspirei no trabalho dele tentando aplicar a ideia de imaginário à vida social contemporânea. O imaginário, de modo simples, é um clima, uma atmosfera. Assim como somos influenciados pelo clima, somos influenciados pela atmosfera espiritual. O imaginário é justamente isso. Para dizer o mesmo de maneira mais teórica, toda a tradição moderna foi dominada, especialmente, no que conheço bem, a França, desde Descartes, por uma concepção demasiado racionalista do mundo. Ou seja, todas as coisas tinham as suas razões e só podíamos analisá-las racionalmente. Bem depois de Descartes, Max Weber refletiu na Alemanha sobre a ética protestante e o mundo capitalista, mostrando que houve uma racionalização da existência, desembocando no seu famoso "desencantamento do mundo".

JMS – O senhor ampliou a noção de imaginário de Gilbert Durand?

Maffesoli – A análise de Gilbert Durand está focada nos mitos, elementos que constituíram a tradição ocidental. Como disse, ampliei o alcance do que Durand pensou para a vida social, que tenho abordado como a vida cotidiana. Em Gilbert Durand, tudo está centrado nas grandes obras da cultura, nos mitos, na mitologia grega como fundamento. Para mim, não, ou então é algo que diz respeito à mitologia contemporânea. Tento ver que formas toma o imaginário no mundo atual. Mais até do que uma ampliação da perspectiva de Durand, é uma aplicação dessa perspectiva na sociedade contemporânea.

JMS – Na sua concepção, o imaginário é sempre social?

Maffesoli – Digo social para designar o que constitui a sociedade. Não se trata do social como é aplicado para falar de trabalho social, da organização da política etc. Para mim, retomando uma imagem que usei antes, há uma atmosfera constitutiva da vida em sociedade, da vida cotidiana. Não se trata de um social reduzido ao racional. Eu me gabo mesmo de ter criado uma palavra, *socialidade*, que me é muito importante, desde a minha tese de doutorado, desde os anos 1970, para designar não o social racional, mas, ao contrário, as dimensões emocionais, a vida afetiva, as paixões, os sentimentos etc. Socialidade banhada pelo clima do imaginário.

JMS – O imaginário é social no sentido de que é algo compartilhado?

Maffesoli – Nesse sentido, sim. Tomei emprestada uma expressão da filosofia de Heidegger: estar-junto. Isso é o social. Mas prefiro falar em socialidade por considerar que os sociólogos em geral, especialmente na França, reduziram o social à sua dimensão racionalista.

JMS – Em que sentido a sua concepção de imaginário se afasta das concepções de Cornelius Castoriadis, Jacques Lacan e Jean-Paul Sartre?

Maffesoli – De Descartes a Sartre se impôs uma visão puramente racionalista, o que aparece na conhecida fórmula "a imaginação é a louca da casa". Ou seja, aquilo que não permite o bom

funcionamento do cérebro. Quando Sartre escreveu o seu livro intitulado *O imaginário*, retomou justamente essa ideia, significando que isso não é importante, sendo do que, até mesmo na perspectiva marxista, é preciso desconfiar, isto é, da imaginação, do imaginário, das imagens etc. A velha tradição da modernidade sempre se baseou no racionalismo, seja com Descartes, seja com o Iluminismo do século XVIII, seja com os grandes sistemas sociais do século XIX, até os anos 1950. A concepção de Sartre inscreve-se nessa desconfiança em relação ao imaginário. Em 1936, em *A imaginação*, e 1938, em *O imaginário*, Sartre repetiu essa ideia. Em relação a Lacan, é mais complexo.

Lacan fala mais de inconsciente. Como bom discípulo de Freud, mostra que, ao lado da razão, há esse inconsciente, que é importante. Mas Lacan não reflete sobre a dimensão coletiva, pois na perspectiva de Freud o inconsciente é individual. Aquilo que Durand analisa, que o grande filósofo francês Gaston Bachelard havia abordado e que eu também retomei, não é uma crítica do imaginário à maneira de Sartre, nem a concepção de inconsciente, mas, ao contrário, uma dimensão coletiva. O imaginário na perspectiva de Gilbert Durand, que retomei, tem a ver com uma dimensão comunitária, aquilo que faz comunidade, algo que não aparece em Sartre, nem em Lacan.

JMS – Imaginário e cimento social.

Maffesoli – Para existir precisamos nos contar histórias individual e coletivamente. Ou seja, falar de lendas, de fantasias, de fantasmagorias. Precisamos dessas histórias para criar um cimento, que é o que produz comunidade. Volto a dizer, eu me restrinjo a aplicar na vida cotidiana o que Durand viu nas mitologias que ele conhecia bem, grega, latina, egípcia. Ele se limitou a essas grandes figuras que chama de estruturas. Não se pode esquecer que ele era da época de Lévi-Strauss e da reflexão sobre as estruturas, esses elementos que não são da vida cotidiana, mas gerais. Gilbert Durand era um estruturalista e seu grande livro teve por título *As estruturas antropológicas do imaginário*, do qual tenho três exemplares, um para cada lugar onde vivo, o que permite consultá-lo a todo momento. Tentei mostrar como essas estruturas permitem compreender o laço social. Para tratar disso, propus um oxímoro: ética da estética. Em grego, ética é o laço, o cimento; estética é o sentimento, os sentimentos coletivos, o que vivemos juntos, como as festas. Vejo essa ética da estética na loucura dos grandes agrupamentos de torcedores nos jogos de futebol. De repente, todo mundo parece pego pelas entranhas. Não é o cérebro que predomina, mas o corpo, o ventre. É isso para mim o imaginário cotidiano, o que aparece no futebol ou nas touradas em Béziers, perto da minha terra natal, no sul da França. Em tudo isso há imaginário coletivo, essas vibrações compartilhadas. Para mim, o imaginário cotidiano é uma *aisthesis*, uma sensação vivida junto com outros que não é simplesmente racional.

JMS – Qual é a diferença entre imaginário e representação?

Maffesoli – Representação é um termo da tradição marxista. Para Marx, havia a infraestrutura econômica e a superestrutura, a cultura em geral. Quando, por exemplo, na França, se quis falar dessa superestrutura se passou a usar o termo representação do mundo. É uma ideia que também remete a uma concepção racionalista. A cultura seria uma representação feita a partir de fundamentos econômicos, materiais. O imaginário nada tem a ver com a representação justamente por não ser racional. O imaginário é afetivo, *afetual*, algo muito profundo. Há um neologismo criado por Gilbert Durand e usado por seu amigo Henry Corbin, o *imaginal*. Faz parte de uma tradição filosófica alemã. Quando o filósofo marxista Georg Lukács fala da importância do objeto, ele diz *objetal*. O elemento material espalha-se por toda parte. Quando Heidegger quer falar da importância do tempo, ele não diz histórico, mas *historial*, ou seja, a temática da história é o fundamento para ele. Quando Durand quer mostrar a importância do imaginário como base, não como superestrutura, o contrário, ele

diz, como Corbin, *imaginal*.

Uso essa palavra para me referir a uma capilarização na vida social, não apenas pensar racionalmente o que me liga aos outros, mas tratar das histórias que nos contamos, das fantasias e até das fantasmagorias que, mesmo não existindo, servem de cimento. Enquanto a representação é uma categoria racionalista, o imaginário é substrato, instinto.

JMS – Gilbert Durand, Freud, Lévi-Strauss, Gaston Bachelard, Jung, Lacan.

Maffesoli – Para mim, Durand sempre foi fiel a Bachelard, esse grande filósofo com a vida dividida em duas partes. Há o Bachelard das obras científicas, da filosofia da ciência, e depois, curiosamente, um Bachelard da filosofia da imagem e do imaginário. Bachelard teve dois estudantes importantes: Georges Canguilhem, que desenvolveu a filosofia da ciência, e Durand, que desenvolveu a segunda parte de Bachelard, o imaginário simbólico. Não podemos esquecer que essa expressão é de Bachelard. Na minha opinião, ele foi muito fiel a Bachelard. Quanto a Lévi-Strauss, eles não tinham a mesma posição, embora pertencessem a uma tradição estruturalista, mas Lévi-Strauss era um estruturalista rígido. O estruturalismo de Durand era movediço, como acontecia com Jean Piaget. Durand e Piaget praticavam um estruturalismo evolutivo. De fato, ela não se inseria na tradição freudiana do inconsciente individual. A grande influência sobre Durand foi a de Carl Gustav Jung com o inconsciente coletivo. Durante cinquenta anos aconteceram grandes reuniões na Suíça, no círculo de Eranos, do qual participei uma vez, em torno da obra de Jung. Gilbert Durand vai se inscrever nessa perspectiva junguiana do inconsciente coletivo, o que vai levá-lo a falar de laço simbólico. A palavra "símbolo" em grego quer dizer ligação. As imagens permitem esse reconhecimento do outro, essa ligação.

Já Lacan nisso tudo é um problema. Quando eu era jovem, muito li Jacques Lacan. É preciso dizer que Lacan se remete a Freud, mas ele fez o seu estágio de psicanalista em Zurique, ou seja, na tradição de Jung. Mesmo se o pensamento de Lacan permanece na filiação freudiana, houve contaminação junguiana. A obra de Lacan é rica por também acentuar o coletivo. Ele cita regulamente Freud, mas nunca Jung. Eis o paradoxo.

JMS – Qual é a associação entre imaginário e inconsciente coletivo?

Maffesoli – Para mim, não é uma questão de conceito. Não creio no que é fechado. Uso imaginário como uma noção, uma metáfora, o mesmo valendo para o inconsciente coletivo. Talvez um dia voltemos a ter fórmulas conceituais mais estritas. Não estarei aqui para ver isso. Não é o caso neste momento em que estamos deixando a modernidade para trás e não conseguimos definir com precisão termos como conceitos. Vejo no inconsciente coletivo uma das manifestações do imaginário. Pode-se viver esse inconsciente coletivo de diversas maneiras, como num grande show musical, no esporte ou naquilo que me interessa muito no momento, o retorno do religioso, do sagrado. Na França, temos multidões de jovens fazendo peregrinação a Chartres. Há um imaginário religioso. Não se pode ter uma concepção muito rígida em relação a isso, mas ver que há relação nisso tudo. Costumo falar em relacionismo. Por vezes, falo em imaginário. Noutras, falo de inconsciente. Não uso muito a expressão inconsciente coletivo, preferindo o termo imaginário ou simbolismo. Há, contudo, proximidade entre todos esses elementos.

JMS – Imaginário, subjetividade e ideologia.

Maffesoli – Prefiro falar em ideosofia e não em ideologia. A palavra ideologia está muito ligada à tradição marxista das representações. Para os marxistas, a ideologia é derivada da vida econômica, do material. Criticavam-se as ideologias, até Sartre, como tendo se separado da economia. Falo com frequência de subjetividade coletiva. Todo o meu trabalho sobre o tribalismo, com meu livro *O tempo das tribos*, remete a uma subjetividade coletiva, de compartilhamento, de comunhão, não a uma subjetividade individual,

que ainda faz parte de uma concepção demasiado hegeliano-marxista. A modernidade era o tripé racionalismo, materialismo e individualismo. Descartes fala do indivíduo fechado na fortaleza da sua mente. Quando, no final dos anos 1980, falei de tribalismo era para mostrar esse espalhamento da subjetividade como cimento. Eu falava de tribos; hoje, uso mais comunidades. Trata-se de enfatizar a dimensão comunicacional. A comunicação remete para esse termo que precisamos gravar, cimento. O imaginário, vale repetir, é um cimento da vida em sociedade.

JMS – Imaginário, reencantamento do mundo, magificação do cotidiano.

Maffesoli – A grande tradição moderna, da qual sou crítico, é uma secularização do judaico-cristianismo. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber fala em "racionalização generalizada da existência" e que "tudo fica submetido à razão e deve apresentar as suas razões". E assim ele mostra que esse processo leva ao famoso "desencantamento do mundo". Traduziu-se o termo alemão em francês, português, italiano, como desencantamento, mas deveria ter sido desmafigicação. A minha hipótese, na sequência de Gilbert Durand, muito empiricamente, remete a um reencantamento especialmente nas práticas da juventude. Tenho um livro intitulado *A nostalgia do sagrado.* Entendo que há um retorno do sagrado nas práticas cotidianas. Gerações, na Europa, que não se interessam pela política de partidos e se investem em práticas religiosas. Escrevi outro livro, *O reencantamento do mundo*, para mostrar que, para além da secularização que marcou os séculos XVIII e XIX, há o retorno das grandes fantasias religiosas, o que não é pejorativo. Na contramão do grande mito do progresso, do progressismo, do ordem e progresso de Auguste Comte, existem épocas. Em grego, "época" quer dizer parêntese.

A época moderna, do século XVII à metade do século XX, foi marcada pela secularização, pelo racionalismo etc. Estamos vendo se abrir uma nova época, que podemos chamar de pós-modernidade, no sentido do que vem depois, um novo ciclo que enfatiza essencialmente o espiritual. O imaginário é uma maneira de analisar e de constatar esse retorno do espiritual. Pode-se também dizer cultural. O termo não me importa. É o retorno de algo que se considerava como uma mera superestrutura de desenvolvimento do materialismo, do economicismo. O imaginário é uma pulsão. Essa pulsão interna vai prevalecer. O imaginário é esse instinto animal.

JMS – O imaginário como um ar do tempo compartilhado?

Maffesoli – Ah, sim. Assim como a marca da modernidade foi o individualismo, agora vai prevalecer o ideal comunitário. A grande filósofa Hannah Arendt teorizou sobre o ideal democrático, ou seja, como havia uma tensão voltada para a democracia. Agora estamos no começo do ideal comunitário. Passagem do princípio individualista que predominou para o *principium relationis*. Inclinação para o vínculo. Uma das manifestações dessa relação é a religião. Em latim, "religião" quer dizer *religare*, estar ligado a outros. Assim como houve secularização durante toda a modernidade, segundo a filiação durandiana, entendo que há o retorno do *religare*. Estou falando de coisas simples, a religião esportiva, a religião musical. Até mesmo as grandes manifestações contra um presidente ou as manifestações de agricultores indicam um modo de ligação. Não é só uma dimensão política a partir da ideologia, mas uma pulsão no sentido de estar com outros.

JMS – Imaginário e tribalismo.

Maffesoli – Etnólogos me criticaram bastante. Eles falavam da África, de grupos unidos contra adversidades ou rivais. Para eles era um conceito. Para mim, uma noção para falar das selvas de pedra das grandes cidades, das megalópoles. Esse tribalismo pós-moderno encontra apoio no desenvolvimento tecnológico. Daí a minha definição de pós-modernidade: sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico. Arcaico em grego é o primordial, o que vem antes, o fundamental. Usei tribalismo como alegoria, uma metáfora para compreender como viver nas grandes cidades.

Só se pode viver "com" outros. Volto ao termo de Heidegger: estar-junto. A modernidade enfatizava o indivíduo, o uno, o indivisível. Auguste Comte falava de *reduction at uno*. Para mim, caso se queira compreender a vida social, é preciso se remeter à comunicação. O imaginário permite que pensemos esse estar-junto.

JMS – Imagem, imaginário e imaginação.

Maffesoli – Para mim, não há diferença entre esses três termos. Na tradição moderna, era preciso desconfiar da imagem como de um ídolo. A tradição moderna, como mostrou Durand, era iconoclasta. A desconfiança vinha do fato de a imagem não ser racional, destacando sentimentos e paixões. A imaginação é uma maneira de viver essas imagens. A imaginação é uma espécie de teoria da imagem. O imaginário era visto como perigoso. A imagem era associada aos ícones; imaginação, uma teorização dos ícones; imaginário, a ideologia, no sentido pejorativo do termo. Uma conjugação da mesma realidade. Assim como existiu essa iconoclastia, agora temos uma iconofilia. Amamos a imagem. O imaginário, agora sem sentido pejorativo, é uma maneira de prestar atenção nessa iconofilia. Queiramos ou não, há amor pela imagem, pela imaginação como sistematização dessas imagens.

JMS – Como se produzem os imaginários?

Michel Maffesoli – O imaginário vem dos instintos. O ser humano é também um animal. É próprio dele compartilhar imagens. Vivemos o retorno do instintivo, do que vem das entranhas, do sexo, de tudo que não é cerebral, tudo aquilo que o rolo compressor moderno do racionalismo expulsou. Há retorno, não só como fragmento, mas como inteireza, completude. Baseio-me em Santo Tomás de Aquino. A noção de *habitus* da Suma Teológica, não essa que Pierre Bourdieu se apropriou, é uma relação entre os sentidos e a mente, o ventre e a cabeça. Alguma coisa surge de modo secreto, restrito, e depois isso se espalha. O imaginário foi importante no Romantismo francês e alemão do século XIX em grupos marginais. Depois, entre as duas grandes guerras, tivemos o Surrealismo. A partir dos anos 1960, essa ideia se espalhou. A noção do imaginário marca o Romantismo, reaparece no Surrealismo e, nos anos 1960, retorna nas revoltas juvenis de Berkeley, em 1964, da Europa, em 1968. A juventude atual desconhece o Romantismo, o Surrealismo e os acontecimentos de 1968, mas, em contrapartida, vive nesse espírito em práticas cotidianas. Esse é o imaginário contemporâneo.

Obras de Michel Maffesoli no Brasil

Lógica da dominação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Dinâmica da violência. São Paulo: Vértice, 1987.

O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.

No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes, 1996.

A transfiguração do político: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

A república dos bons sentimentos. São Paulo: Iluminuras, 2000.

A violência totalitária: ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001.

Elogio da razão sensível. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

A parte do diabo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

À sombra de Dionísio: ensaio sobre uma sociologia da orgia. São Paulo: Zouk, 2005.

O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

O conhecimento comum: introdução à socio-

logia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Apocalipse: opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Saturação. São Paulo: Iluminuras, 2010.

O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Homo eroticus: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

O conformismo dos intelectuais. Porto Alegre: Sulina, 2015.

A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

Pactos emocionais: reflexões em torno da moral, da ética e da deontologia. Curitiba: PucPress, 2018.

A palavra do silêncio. São Paulo: Palas Athenas, 2019.

O tesouro escondido: carta aos franco-maçons e a outros. Porto Alegre: Sulina, 2019.

Referência

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123. Acesso em: 2 fev. 2026.

Juremir Machado da Silva

Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, pesquisador A do CNPq, doutor Honoris Causa da Universidade Paul Valéry de Montpellier, doutor em Sociologia pela Sorbonne sob orientação de Michel Maffesoli.

Endereço para correspondência

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 7

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, RS, Brasil

Como citar este artigo

Machado da Silva, J. Entrevista com Michel Maffesoli: o que é imaginário?. Revista FAMECOS, e49404 . https://doi.org/10.15448/1980-3729.2026.1.49404

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.